

O índio urbano na

# TRIBO DA CIDADE

Autora: Daniele Leal de Carvalho Sampaio

Parecia mais um dia normal na vida da família Silva. Todos os dias a mãe de Caíque precisava ir ao quarto para acordá-lo. O menininho sempre dava tanto trabalho, que Dona Célia brincava que precisava apelar para uma tal de santa paciência.

Neste dia, para sua surpresa, quando Dona Célia chegou no quarto encontrou Caíque acordado e já todo arrumado para ir à escola, e o mais surpreendente é que estava com um sorriso tão grande que sua boca quase passava das suas orelhas!

A mãe achou estranho e resolveu perguntar:

-Meu filho, que milagre é esse você já estar acordado, feliz e todo arrumado?

O menininho empolgado, saltitante como um gafanhoto gigante, começou a contar para sua mãe que, hoje, em comemoração ao dia do índio, ele iria conhecer um índio de verdade na escola. Assim que terminou de falar, engoliu de um gole só o café e saiu de casa todo apressado, com medo de se atrasar.

Chegou na escola com o coração batendo mais forte, olhos bem abertos ou, como dizia sua avó, os *zóio* arregalado, atentos para ver cada detalhe dos coloridos das penas, as flechas, pinturas e cocares. Toda essa felicidade era porque finalmente iria conhecer um índio de verdade. Até agora Caíque só os tinha visto em filmes e em dois livros que sua mãe amava: O Guarani e Iracema escritos por José de Alencar, um escritor cearense que de tão famoso deram até o nome dele para um bonito teatro e para uma praça localizados no centro da cidade de Fortaleza. Também é por causa de seu livro o nome da praia mais conhecida aqui da cidade.

Caíque estava dentro da sala esperando e, justo nesse dia, parecia que o tempo só por implicância, teimava em passar bem devagarzinho. Ele esperou, e esperou, mas o coração do Caíque-menino batia tão forte, que mais parecia um tambor :

Tá tum- Tá tum- Tá Tum- Tum tum tum

Tá tum- Tá tum- Tá Tum- Tum tum tum

Tá tum- Tá tum- Tá Tum- Tum tum tum

Lembrou que para não ficar nervoso, é preciso respirar bem fundo. Resolveu apelar então para a tal da paciência que sua mãe tanto falava. Fechou os olhos respirou bem devagar e relaxou. Foi nesse momento que a professora anunciou que os indígenas chegaram!

Imediatamente os *zóio* do menino arregalaram de novo, os ouvidos se abriram mais ainda e o coração acelerou. Caíque percebeu que, assim como ele, Clara e Gustavo também estavam muito curiosos. Tinham até feito uma aposta que seriam vermelhas e azuis as penas dos cocares.

A porta abriu e, para o espanto da meninada, não haviam flechas, nem cocares, nem mesmo uma coloridinha peninha sequer. Nem tinham olhos puxados, nem estavam pintados e nem pelados.

Deveria estar havendo algum engano- Caíque pensou. Nem cara de índio ele tinha. Se vestia igualzinho as pessoas da cidade. Ele achou o homem a cara do seu avô: magrinho, baixinho, a pele morena clara, dessas assim de um moreno meio amarelado e, apesar de parecer velhinho, tinha o olhos espertos, como se fosse um menino-grande. Não tinha certeza se ele parecia com um velho menino ou com um menino-velho-de-olhos-brilhantes.

Por um momento Caíque achou que fosse brincadeira da professora. Mas seu Jair começou a falar e era ele mesmo. Um índio. Para espanto da turma ali na frente deles tinha um índio vivo-dos-zóio- brilhante-com -cara- de- menino-avô.

Um índio. Caíque finalmente via um índio. Um índio de verdade, mas não vivia na floresta, ele era um índio urbano e mora na cidade.

Caíque não aguentou a curiosidade e perguntou:

-Mas como o sr. pode ser índio se não tem pena, nem flecha, nem está pintado e nem pelado, hein?!

Seu Jair deu um sorriso tão grande, mas tão grande que foi maior até que seus zóios brilhantes. Depois falou:

-Meus fios(o homem também falava igualzinho a seu avô, com esse sotaque bonito do interior), eu vim assim de propósito, porque eu sabia que vocês iam estranhar- Disse sorrindo. Eu vou contar uma coisa muito importante pra vocês: Não é o que uma pessoa usa que faz dela um índio! Tudo isso começou há muito tempo atrás quando o Português veio da Europa e chegou aqui em Pindorama.

-Pindorama????!!!! Onde é isso? – Maria Clara indagou.

Pindorama é o nome que o Brasil, estas terras que hoje vivemos, era chamada pelos seus primeiros habitantes. Essa palavra é de origem Tupi-Guarani e significa Terra das Palmeiras. Se o nosso país é lindo hoje em dia, imaginem só naqueles tempos! Uma beleza sem fim. O povo indígena vivia em total harmonia com a natureza bem aqui, nesta terra farta. Vivíamos todos juntos e juntos com a natureza. Nossas águas eram tão limpinhas que onde você quisesse podia beber direto da fonte e se banhar sem medo da sujeira do lixo de hoje em dia! Ninguém passava fome na tribo não! Tinham frutas de montão, de todos os tipos e, doença??? Eita, meus fios, os índios não sabiam o que era adoecer não.

Até que o homem europeu chegou e trouxe uma arruma de doenças, seus costumes, seu modo de viver. Nós não tínhamos problema com isso. Respeitamos o modo de viver de cada povo, mas queremos, temos o direito de sermos respeitados. Infelizmente, meus fios, não foi isso que aconteceu. O homem branco queria que fôssemos iguais a eles. Tiraram nossas penas, nos colocaram roupas e nos impediram de viver como gostamos e ainda nos obrigaram a viver como eles queriam. Um absurdo! Uma malvadeza, num é verdade?!

Os anos foram passando, mesmo com as lutas e diferenças, os brancos tiveram filhos com as índias, houve casamento de negro com índio, negro com branco, além de outros povos de outras terras que vieram para cá no passar desses séculos. Essa história já faz mais de 500 anos, meus fios! Há muito, muito tempo atrás! Aí as raças, as cores e as culturas se misturaram.

-Como assim se misturaram, Seu Jair? Mas como se o sr. disse que o português não queria deixar o índio ser quem ele era?- indagou Gustavo.

-Ora- disse seu Jair com olhos espertos e brilhantes- meu fio, você acha que nós indígenas iríamos aceitar? Nós encontramos um jeito para manter alguns de nossos costumes vivos.

Assim, mesmo a maioria de nós não morando mais nas tribos, nossos saberes e costumes foram passando dos pais para os filhos, de geração em geração e, até o próprio europeu adquiriu alguns de nossos hábitos.

Sabem a rede, essa invenção boa de balançar pra lá e pra cá?! É uma herança da cultura indígena. Assim como a tapioca deliciosa, os banhos de rio, lagoas, mares e riachos. Tudo costume do nosso povo- Seu-jair-de-olhos-brilhantes continuou- Mas eu acho que nossa maior contribuição, o maior tesouro que podemos repassar para o mundo, é o respeito, amor e cuidado com a natureza. Nós aprendemos a cuidar bem dos rios, mares, árvores, florestas e uns dos outros como cuidamos de nós mesmos. Porque no final das contas, meus fios, nós somos um só. Se a natureza acabar o ser humano se acaba também.

Pode ser branco, índio, negro, pobre ou rico. É da natureza que vem o ar que respiramos, a água que bebemos, o que comemos e até os remédios que o homem faz, vem da natureza. As plantas têm a cura para quase todas as doenças. A farmácia do índio brota no chão do nosso quintal.

Parecia até que Caíque estava ouvindo seu avô falar. De fato, seu Jair parecia muito com seu avô tanto fisicamente como no jeito de falar.

-Seu Jair, o sr. parece tanto com meu avô! – Confessou o Caíque-menino.

-Ora, se teu avô parece tanto comigo ele também deve ter sangue de índio. E se teu avô for índio, isso faz de você o quê, menino?!

O mundo rodopiou dentro da cabeça do menino. E se ele fosse um indiozinho? Mas não é de se estranhar, já que aqui no Brasil todas as raças vieram se misturar!

Decidiu que assim que chegasse em casa iria conversar com seu avô para descobrir se eles também são índios urbanos da tribo da cidade. Assim que chegou em casa Caíque conversou horas e horas com seu querido avô. Mas aí já é outra longa história cheia de aventuras e descobertas. Fica para uma outra hora.

E foi assim o dia que mudou para sempre a vida do Caíque-menino. Caíque- menino que e que um dia será Caíque-velhinho, mas que desde esse dia, que no começo parecia com outro dia normal, ele nunca mais foi um Caíque que gostava de brincar nas árvores sozinho, pois encontrou uma tribo, que assim como ele amava e cuidava da natureza de verdade e se descobriu Caíque-indiozinho.

